



“FOGOSAS, ASSANHADAS E ARENGUEIRAS” – sobre os discursos de mulheres jovens em relação a outras mulheres em uma comunidade popular do Recife

Anna Karina Gonçalves Xavier
akpsicologia@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma dissertação de mestrado que buscou debater as interfaces entre sexualidade e reprodução na vida de mulheres jovens de uma comunidade popular da cidade do Recife - Pernambuco. Este artigo versará sobre as normas regulatórias que regem os comportamentos das mulheres, principalmente sobre seu comportamento sexual e como essa ordem acontece e é reforçada através do discurso das próprias mulheres. O objetivo para este artigo é demonstrar o que as interlocutoras estão chamando de práticas afetivo-sexuais inadequadas para as mulheres e como esse pensamento interfere na relação com outras mulheres da comunidade. A metodologia utilizou um viés qualitativo, tendo a etnografia, com o diário de campo e entrevistas em profundidade como métodos. Como referencial teórico-epistemológico foi utilizado uma abordagem feminista pós-estruturalista (BUTLER, 2003 e HARAWAY, 2009). Como resultado foi observado que as mulheres jovens não percebem a opressão e as desigualdades de gênero que sofrem. E acabam por reproduzir os mesmos discursos de desigualdades muito em função das respostas que tem que dar à família e à comunidade.

Palavras-chave: sexualidade; direitos sexuais; comportamento sexual.

ABSTRACT

This work is the result of a Master 's thesis that sought to discuss the interfaces between sexuality and reproduction in the life of young women of a popular community of the city of Recife - Pernambuco. This article will focus on the regulatory norms that govern women's behavior, especially about their sexual behavior and how this order happens and is reinforce through women's own discourse. The purpose of this article is to demonstrate what the interlocutors are calling inappropriate sexual-affective practices for women and how this thinking interferes with relationships with other women in the community. The methodology used a qualitative bias, taking the ethnography, with the field diary and in-depth interviews as methods. As a theoretical-epistemological reference, a post-structuralist feminist approach was used (BUTLER, 2003 and HARAWAY, 2009). As a result, it been observed that young women do not perceive the oppression and gender inequalities they suffer. Moreover, they end up reproducing the same discourses of inequalities very much in function of the answers that have to give to the family and to the community.

Keywords: sexuality; sexual rights; sexual behavior.



INTRODUÇÃO

Este artigo busca debater o que as mulheres jovens discorrem sobre as trajetórias afetivo sexual de outras mulheres jovens da mesma comunidade e como esses discursos influenciam sua própria vida sexual. Esse artigo é resultado de uma dissertação de mestrado, intitulada “Mulheres jovens e prática da dupla proteção em uma comunidade popular do Recife, defendida em fevereiro de 2011, e fez parte de uma pesquisa mais ampla denominada “Mulheres jovens e dupla proteção em diferentes circuitos de socialidade: um estudo comparativo entre Recife e Caruaru – PE”¹. Neste trabalho, discutiremos a partir dos dados da dissertação de mestrado, sobre o discurso das interlocutoras em relação a trajetória afetivo sexual de outras jovens na mesma comunidade e como essas idéias são vivenciadas em suas práticas cotidianas. Este tema é particularmente interessante por tratar de questões como os direitos sexuais, uma das pautas relevantes para as lutas feministas nacionais, tendo em vista que as jovens também são sujeitos políticos do feminismo.

A relevância desse trabalho caracteriza-se por entender que as mulheres jovens encontram-se reproduzindo os discursos conservadores² quando se trata das práticas afetivos sexuais dos seus pares. Tal posicionamento provoca o controle sobre seus próprios corpos e sua sexualidade, mediando suas condutas e avaliando as práticas das outras.

A partir de dados da pesquisa “Mulheres jovens e prática da dupla proteção em uma comunidade popular do Recife”, observamos que os amigos/as, família e a comunidade têm seu lugar de importância na vida sexual das jovens. O que se pensa e o que se fala sobre práticas afetivo sexuais poderá acarretar consequências no modo como as jovens vivenciarão sua vida sexual, o que nem sempre corresponderá fielmente às suas práticas na realidade.

Este trabalho utiliza de um viés qualitativo, à luz de uma abordagem feminista pós-estruturalista baseada em Judith Butler (2003), e Donna Haraway (2009). Para a coleta de dados foi necessário um período de seis meses de inserção na comunidade, através da parceria com uma ONG e com o posto de saúde que se localizam na comunidade. Foram contatadas diversas jovens na faixa etária de 17 a 24 anos, e realizadas visitas informais em suas residências. Foram selecionadas seis jovens, e realizadas entrevistas com foco biográfico, que versavam sobre as trajetórias afetivo-sexuais das jovens. Foram construídas, a partir destas entrevistas, as biografias das mesmas.

Como reflexão mais ampla, traz ao debate a questão dos circuitos integrados (HARAWAY, 2009), no qual entende-se que as mulheres estão engendradas numa rede de relações sociais que vão atuar de acordo com uma dupla moralidade e vão constituindo-se intersubjetivamente de forma que suas ações – aqui concentradas em

¹ Coordenada pela Prof^a. Dr^a. Marion Teodósio de Quadros (Antropologia-UFPE) e pela Prof^a. Dr^a. Karla Galvão Adrião (Psicologia-UFPE), com apoio do CNPQ e FACEPE e que gerou uma dissertação de mestrado, de Anna Karina Xavier, no Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco.

² Os discursos conservadores da qual estou tratando neste artigo são os que refletem o pensamento machista, na qual a sociedade ocidental se alicerçou e construiu sua base privilegiando uns (homens) em detrimento de outras (as mulheres).



suas trajetórias afetivo-sexuais – podem ser percebidas e também refletem na vida pública e privada das mulheres jovens da comunidade estudada.

A importância de trabalhar com as jovens situa-se na busca de compreender qual a reflexão das mulheres jovens informantes da pesquisa em relação as práticas afetivas sexuais das outras mulheres residentes da mesma comunidade em que moram, tentando entender quais influências dessas outras mulheres e suas trajetórias afetivo-sexuais na vida das informantes e como é dado um significado moral as trajetórias afetivo-sexuais das outras jovens e a partir disso elas se distinguem das demais.

REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Como já citado anteriormente, esta pesquisa utilizou-se, de um referencial teórico-epistemológico que se orienta por uma abordagem feminista pós-estruturalista (BUTLER, 2003 e HARAWAY, 2009).

Esta análise tenta desvelar de forma ativa quais influências das trajetórias afetivo sexuais de outras jovens da comunidade nas trajetórias das mulheres jovens pesquisadas. Tal idéia é fruto dos dados de pesquisa que fizeram parte da dissertação de mestrado, sendo observado que em relação às amizades com outras jovens da comunidade percebeu-se diferenças entre as informantes da pesquisa. Cada uma estabelece uma relação diferente com as jovens locais. Mas o que há de comum entre as respostas é a dicotomia entre “as que têm futuro” e “as que não têm futuro”, “as fogosas” e “as certinhas”. Essa dicotomia pode ser encontrada em outras pesquisas com relação às jovens, quando os rapazes referem que há meninas para casar e meninas só para ficar (SCOTT, QUADROS e LONGUI, 2009). Nesse sentido foi feita a relação entre as fogosas/só para ficar e as certinhas/ para casar. Porém essa distinção não é feita exclusivamente pelos rapazes, mas pelas mulheres jovens também e nessa pesquisa são as jovens que em seus relatos fazem essa distinção. Essa distinção vai também influenciar nas trajetórias afetivo sexuais das jovens pesquisadas, assim como outros fatores influenciam como a família (XAVIER, 2011), religião e a própria comunidade. Mas neste trabalho o foco está centrado nas relações das mulheres jovens pesquisadas com outras jovens que fazem parte da comunidade.

O termo circuito integrado surgiu na obra de Donna Haraway (2009), na intenção de sintetizar a localização histórica das mulheres na contemporaneidade, uma vez que suas posições na sociedade foram reestruturadas, muito em parte das relações sociais da ciência e da tecnologia. Para a autora supracitada, não é possível haver uma distinção entre os domínios público e privado, para ela os espaços e identidades formam uma rede ideológica, no qual as fronteiras se aproximam e se entrelaçam.

Nas sociedades capitalistas avançadas, as mulheres ocupam algumas posições que sugerem o circuito integrado. As sociedades estão formadas pela casa, mercado, local de trabalho assalariado, estado, escola, hospital-clínica e igreja. Segundo Haraway (2009), esses espaços encontram-se modificados pela introdução de novas tecnologias que alteram as relações interpessoais entre os sujeitos modificando suas realidades e seus cotidianos como exemplos, encontram-se lares chefiadas por mulheres; um mercado high-tech competitivo, a persistência e intensificação da divisão racial e sexual do trabalho. Esses espaços estão implicados um no outro, porém em nenhum deles a lugar para as mulheres há apenas a existência de contradições, que na possibilidade de interpretações das redes de poder será possível construir novas alianças e coalizões.



Como o objetivo deste artigo é compreender como mulheres jovens de 17 a 24 anos, casadas ou não e com ou sem filhos estão construindo suas trajetórias afetivo sexuais a partir das suas relações sociais com a comunidade e com seus pares, essas questões serão tratadas a partir de uma reflexão que se embasa na perspectiva supracitada. A perspectiva pós-estruturalista baseada em Butler (2003) e Haraway (1998), ajudará a desvelar quais as construções ideológicas e discursivas que perpassam o cotidiano das mulheres jovens, problematizando os sentidos que foram naturalizados através da cristalização de desigualdades de gênero, classe e geração. Dirige-se para a tentativa de desvelação das relações de desigualdade a partir das noções e relações em torno da vivência da sexualidade na trajetória das jovens pesquisadas.

MÉTODO

Para a concretização da pesquisa foi escolhido a etnografia como método, porque era o que mais aproximava da realidade e do cotidiano das jovens e da comunidade. Esta perspectiva qualitativa privilegia o lugar da observação em processos sociais objetivando identificar e compreender as práticas sociais. A coleta de dados teve como durabilidade seis meses, de novembro de 2009 a maio de 2010. E nesse período foi realizado observação e entrevistas. Na qual foi possível dialogar sobre temas como direitos reprodutivos, direitos sexuais e dupla proteção.

No percurso da pesquisa de campo os encontros com as jovens não foram separados por assuntos, nem por temas para serem conversados, mas sim sobre o que surgia naquele dia após perguntas do cotidiano. Os encontros foram transcritos num diário de campo e as informações utilizadas como complementares durante a análise.

Assim, foi possível construir uma das possíveis percepções acerca do modo como foram costuradas as trajetórias afetivos-sexuais das jovens pesquisadas.

Participantes - Sobre As Mulheres Jovens

Para falar das mulheres jovens apresentamos uma breve descrição sócio-demográfica com dados sobre idade, escolaridade, raça/cor, religião, se algumas delas são virgens, número de parceiros que já tiveram, estado civil, número de filhos, sua ocupação e poder aquisitivo.

Nomes Dados	Vanessa	Luana	Taiza	Camila	Helena	Talita
IDADE	24	17	18	19	24	22
GRAU DE INSTR.	Fundam.	Médio	Fundam.	Médio	Médio	Fundam.
RAÇA/COR	Negra	Parda	Negra	Parda	Parda	Negra
RELIGIÃO	S/definição	Católica	Católica	Católica	Católica	Evangélica
VIRGEM	Não	Não	Não	Não	Não	Não



Nº DE PARCEIROS	8	1 ou 2	1	S/definição	1	1
ESTADO CIVIL	União estável	Solteira	Solteira	União estável	Casada	Casada
NÚMERO DE FILHOS	3	-	-	1	1	1
OCUPAÇÃO	Do lar	Estudante	Estudante	Do lar	Do lar	Do lar
IDAS AO POSTO DE SAÚDE	Nenhum	Uma	Nenhuma	Indefinido	Indefinido	Indefinido
PODER AQUISIT.	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo

Em relação a descrição da comunidade, esta foi realizada com informações recolhidas das interlocutoras e através das impressões pessoais durante as visitas.

As idades das interlocutoras variaram entre 17 a 24 anos. Duas delas já concluíram o ensino médio, e uma está cursando o último ano do ensino médio. Entre elas não há nenhuma jovem branca, sendo três negras e três pardas. Sobre religião quatro delas se definem como católicas, sendo uma delas evangélica e outra se define. No qual a família vem tentando levá-la para as igrejas neopentecostais.

O grupo de mulheres é heterogêneo, mas não há virgens no grupo das jovens pesquisadas. Das seis jovens pesquisadas duas são solteiras, Luana (17 anos) e Taíza (18 anos), e moram na casa dos pais. Duas são casadas, Helena (24 anos) e Talita (22 anos)³, e vivem em suas casas com o marido e filhos. Vanessa (24 anos) mora com o companheiro na casa da sogra. Camila mora com a mãe e a filha e seu companheiro mora em outra casa com o pai.

Com relação ao número de parceiros uma delas afirmou ter tido oito parceiros sexuais. Outra jovem (Luana, 17 anos) declarou que teve entre um ou dois parceiros sexuais, pois ela considera a intimidade mesmo sem haver penetração como sendo relação sexual. Outra jovem não soube definir o número de parceiros sexuais, pois ela referiu-se a uma época da vida em que frequentava o 'espetinho' e lá bebia bastante, ficando com alguns rapazes e tendo relações sexuais com eles. Enquanto três das jovens pesquisadas relataram ter tido apenas um parceiro sexual.

Sobre filhos, três das jovens pesquisadas tiveram filhos. Vanessa (24 anos) tem três filhos de pais diferentes, Luana (17 anos) e Taíza (18 anos) não têm filhos. E Camila (19 anos), Helena (24 anos) e Talita (22 anos) têm cada uma um filho/a. Entre as que têm filhos nenhuma delas deseja engravidar novamente.

Sobre a ocupação das jovens pesquisadas quatro são donas de casa e duas são estudantes. Sendo que as jovens estudantes são as que são solteiras e moram com os pais.

³ Nomes fictícios.



O poder aquisitivo delas é baixo. Considerando o tipo de trabalho que o/a chefe da casa tem, na casa de Luana (17 anos) e Taíza (18 anos) tanto a mãe como o pai trabalham, podendo ter um poder aquisitivo melhor do que entre as outras jovens em que apenas um membro da família trabalha.

A Comunidade

A comunidade fica situada na zona norte da cidade do Recife, localiza-se dentro de outro bairro maior e com mais estrutura, tipo: amplo comércio, mercado público, supermercado, escolas do estado e do município, bancos. Ao seu redor encontram-se outras comunidades denominadas como 'Altos' ou 'Córregos', designando comunidades localizadas em locais altos e baixos, respectivamente. Para ter acesso à comunidade é preciso subir ladeiras e mesmo dentro dela percorrem-se ladeiras íngremes e escadarias. A rua principal é asfaltada e larga por onde circula a linha de ônibus que leva o nome da comunidade. Outra forma de transporte é o 'moto-taxi' que transporta os moradores entre as áreas baixas e altas do bairro.

Na comunidade nem todas as ruas tem saneamento básico. Em algumas delas entre a rua e a calçada há uma vala por onde escorre a água utilizada pelos moradores. Há também ausência de recolhimento de lixo pela prefeitura em quase todas as ruas. Só na rua principal circula o caminhão de lixo. Onde os moradores precisam se deslocar até lá para deixar seu lixo.

Na comunidade as casas são de alvenaria, não há presença de casas de barro, nem de taipa. Em muitas fachadas das casas observa-se cerâmica e portão de alumínio. Algumas delas, mais raras, possuem primeiro andar. Não há comércio na comunidade, em algumas casas os moradores, abriram uma vendinha ou fiteiro, onde comercializam refrigerantes, pipocas, salgados e balas. O centro comercial que serve à comunidade fica dentro do bairro onde está situada a comunidade. Lá pode ser encontrado mercado público, supermercado, lojas de móveis, lojas de roupas e lojas de utensílios domésticos. Próximo a feira as pessoas depositam resto de lixo do mercado público, que atraem animais como porcos, cachorros, galinhas e pássaros.

É uma comunidade silenciosa, do tipo que não há pessoas circulando nas ruas. Houve momentos de completo esvaziamento nas ruas durante a pesquisa de campo. A justificativa para isso foi dada por uma das jovens que participou da pesquisa. Essa jovem afirmou que as pessoas trabalham e as crianças estão ou na escola ou dentro de casa. E que também o fato de terem computador e internet em casa tirou as pessoas das ruas. Outra jovem declarou que o momento de ver os moradores circulando nas ruas é a hora de deixar e buscar as crianças nas escolas, onde principalmente no final da tarde as mães param para conversar nas calçadas.

Nesse horário de fim de tarde aproximadamente a partir das quatro horas, veem-se jovens nas ruas, sentados nas calçadas. O motivo de ser especificamente esse horário é por causa de não estar '*sol quente*'. Anterior a esse horário é comum que as pessoas estejam dormindo.

Alguns pontos da comunidade têm uma vista privilegiada, é possível ver morros, outras comunidades e a BR 101. A comunidade tem uma liderança muito forte e articulada. A líder trabalha numa ONG que atua lá há muito tempo. A história da ONG



começa com uma mulher que cria “Liga dos moradores do Alto do Paraíso” sendo presidida por ela mesma.

A Liga era mista e tinha homens e mulheres. Até que a presidente quis fundar um espaço só para mulheres e criou outro espaço, cujo nome é o mesmo até hoje, Clube de Donas, lugar em que funciona como uma organização filantrópica, esse espaço cresceu tanto que a Liga praticamente desapareceu, mas ainda existe e só aparece em época de campanha eleitoral. A ONG existe há 28 anos e trabalha na comunidade atuando com crianças, adolescentes e mulheres. A resposta do trabalho da ONG deu a comunidade um status de ser uma comunidade politizada, crítica e que sabe como buscar informações.

RESULTADOS

O que elas falam sobre as outras jovens

Com relação às amizades com outras jovens da comunidade percebe-se as diferenças entre as informantes da pesquisa. Cada uma estabelece uma relação diferente com as jovens locais. Mas o que há de comum entre as respostas é a dicotomia entre as que têm futuro/ as que não têm futuro, as fogosas / certinhas. Essa dicotomia pode ser encontrada em outras pesquisas com relação às jovens, quando os rapazes referem que há meninas para casar e meninas só para ficar (SCOTT, QUADROS e LONGUI, 2009). Nesse sentido faço a relação entre as fogosas/só para ficar as certinhas/ para casar. Porém essa distinção não é feita exclusivamente pelos rapazes, mas pelas mulheres jovens também e nessa pesquisa são as jovens que em seus relatos fazem essa distinção.

Essa dicotomia faz criar na comunidade dois universos diferentes de mulheres jovens. De modo geral as que não têm futuro são também as fogosas. São aquelas que perderam muitos anos de estudos, estão bem atrasadas em nível de escolaridade ou já não estudam mais e tem dificuldades de arrumar trabalho. E são consideradas fogosas por ficar e namorar muito, ter vários parceiros sexuais consecutivos ou ao mesmo tempo frequentar os espetinhos e ‘gafieiras’.

Essas jovens de um modo geral não fazem parte do universo de amizades das jovens pesquisadas. Com exceção de Vanessa, que relatou durante a pesquisa de campo para construção do diário de campo, que era uma jovem fogosa. Porém ela tenta apagar essa imagem, através do afastamento das antigas amigas, consideradas fogosas e sem futuro, tomando a atitude de cuidar mais da família.

Levando em consideração a noção de sujeito utilizada por Butler (1998), observamos as jovens como sujeitos que são construídos através de atos de diferenciação, distinguindo-as do exterior, que também as constitui, para haver essa distinção, houve a assimilação do que é convencionalmente chamado de um bom comportamento feminino ou o que deve ser uma moça de família.

Dessa forma as jovens tentam não reproduzir comportamentos que podem prejudicar sua imagem diante da comunidade. Muitas vezes por motivos ligados a valores e moral presentes nos contextos em que vivem precisam regular seus anseios e desejos sexuais de acordo com o que é esperado delas. Isto é, as mulheres jovens discursam e tem atitudes socialmente contrárias aos seus desejos. Como exemplo o caso de Luana e Taíza que externam para a comunidade e para seus pais que são ainda



virgens, pois não podem assumir sua vida sexual, mas em contrapartida desejam assumir a vivência da sexualidade.

Durante a pesquisa Vanessa referiu várias vezes sua frequência nas gafieiras, sobre os parceiros que arrumava lá e suas idas ao motel ‘calango’, com os namorados que tinha como conta o relato abaixo:

Então foi perguntado onde se namora e ela respondeu: “que se a jovem for moça é nas escadarias se não for moça e isso for público é na gafieira ou no motel calango” (matinho). Perguntei se ela já tinha frequentado o motel calango, ela disse que várias vezes (protocolo de observação, 20/10/2010).

Na fala de Vanessa fica visível a relação das práticas sexuais das jovens e a moral delas na comunidade. Isto é, quando Vanessa fala “*se não for moça e isso for público*”, percebo que é a questão de ser público que leva a jovem a assumir suas práticas sexuais. Ou seja, se sua prática se torna pública de alguma maneira, sai de seu “controle” e ela se vê forçada a assumir, além de se ver enquadrada em um dos termos supracitados (fogosa, sem futuro). Em contrapartida, pois se ela não “for moça” e esse fato não for a público, ela mantém reservada sua prática sexual da comunidade.

É possível perceber nos relatos de Luana, Taíza e Camila, que ao referir sobre as meninas da comunidade, elas têm uma atitude de se colocar no lugar das certinhas. Já Helena e Talita têm uma atitude diferente, como será visto mais abaixo. Pois Helena por ser uma jovem com ensino médio completo e estar procurando emprego, se relaciona com outras mulheres também nessa condição, ela relata as jovens do bairro como mais trabalhadoras que os homens e mais responsáveis: “são...a maioria também trabalha, outras estudam, a maioria estão trabalhando ou estudando, umas são até casadas outras não.”

Talita é uma jovem que não foi criada na comunidade, só passando a morar lá depois que casou, e durante a pesquisa referiu não ter amizades na comunidade, só conversa com os/as parentes/as do terreno em que mora e com uma vizinha do lado. Acredito que a influência religiosa, enviesa o olhar dela sobre as jovens da comunidade quando ela afirma que as meninas são mais certinhas e os rapazes é que são namoradeiros, ficam mais e buscam meninas de outras comunidades: “Assim, pega uma menina aqui, pega outra ali. Porque eu acho que de fora. As meninas de fora. As meninas daqui eu acho que são mais na delas.”

Luana pontua as jovens da comunidade como garotas que podem ou não dar certo na vida. E que isso vai depender delas próprias, do modo como conduzirão suas vidas, “bem, tem meninas que, no caso, querem algo da vida, mas têm outras que não. Acho que elas procuram a própria queda delas, no caso.”

Do ponto de vista de Taíza as jovens da comunidade são ‘assanhadas’, ‘arengueiras’, ‘orgulhosas’, não gostam de Taíza, mesmo sem ter dado motivo. E julgam com facilidade.

“Assanhadas até demais, que não pode ver nada, assim, são muito arengueiras, tipo tu não me conheces ela já está falando mal de mim, se eu passar falando e rindo...ah! Eu não gosto dessa menina mais...para eu falar que eu não gosto dessa menina primeiro, eu tenho que conhecer e elas não, elas já vão julgando aparência, por que não fala, por que é obrigado tipo assim, se eu passar na rua e elas tiverem, eu tenho que falar sem conhecer elas, são assim, são muito orgulhosas nessa parte”.



Já Vanessa estabelece uma relação de distanciamento das jovens com quem se relacionava anteriormente, uma vez que não é socialmente aceita a amizade de quem não é puta com quem é puta. Tornando mais difícil para a mulher que tem filho e marido, tendo que preservar a imagem da família.

“Desisti vale a pena não. E principalmente para quem tem filho, é casada, quer viver na paz não dá, tem que ser assim, a amizade. Se elas forem putas, tem que ser também, se elas forem putas e a gente não ser, aí se torna também. Então é melhor ou está junto, ser ou não ser. Então eu desisti de ter amizade. Minha amizade é minha sogra e minha mãe”.

Camila traz uma conotação sexual com relação às jovens, citando-as como fogosas, mas também afirma que tem certinhas em menor número, "acho que aqui tem as fogosas! (risos) mas tem mais fogosas que certinhas."

Diante dos relatos acima descritos, observo a busca das jovens pesquisadas de se posicionarem do lado “certo” da vida. De serem mulheres jovens que não escorregaram na moral imposta pela comunidade. O que indica que as subjetividades dessas jovens vêm sendo construída por uma política de regulação da sexualidade. Legitimando e excluindo suas atitudes, acabando por reafirmar a relação de poder sobre o corpo feminino (FOUCAULT, 2011).

Ao refletir sobre os circuitos integrados de Haraway (2009), percebe-se que tanto os espaços públicos como os privados contribuem como para a regulação da sexualidade. Um dos instrumentos utilizados para esta regulação é o uso da fofoca, que segundo Cláudia Fonseca, 2004 pode ser usada como uma arma contra as mulheres.

Fonseca, 2004, antropóloga, desenvolveu uma pesquisa em Porto Alegre, no qual através do método etnográfico, trouxe à tona a cultura compartilhada numa comunidade popular da cidade supracitada. Em sua pesquisa ela demonstrou os valores e a moral da comunidade, revelando como os/as populares são sujeitos de um capital social (PORTES, 2000) produzidos por eles e ao mesmo tempo refém do mesmo. Como também, as relações de gênero podem se apresentar com algumas particularidades, como bem observou Fonseca (2004), em sua pesquisa, homens que preparam almoço, enceram o piso da casa, fazem doces e lavam roupas. Porém, Fonseca (2004) observou que muitos destes homens encontram-se desempregados, e aqueles que trabalham, ficam impossibilitados de contribuir nas atividades domésticas, ajudando financeiramente, para a manutenção da casa.

A fofoca como instrumento utilizado pelas mulheres contra as mulheres pode provocar um direcionamento das atitudes das mulheres jovens, que no caso da pesquisa em questão levou algumas jovens (Taíza e Luana) a procurarem relacionamentos com rapazes em outros bairros, para que pudessem viver com mais plenitude suas vidas sexuais.

Ao mesmo tempo em que empregavam a fofoca sobre a vida sexual de outras jovens, tal ação pode servir como regulador da sexualidade das próprias jovens.

A regulação através da fofoca serve como uma forma de medir os avanços e recuos no que diz respeito a vivência da sexualidade entre mulheres jovens. Dessa forma o que uma jovem de quinze anos vivencia com um rapaz, parte do princípio que no início, nenhuma intimidade está liberada, mas que ao conversar com amigas, trocar



informações, expor sua vida sexual, e se orientar pelo conselho delas, a intimidade pode ir ganhando espaço ou não, dependendo de como a regulação vai ganhando espaço no seu imaginário e se não haverá uma disseminação dos conteúdos das conversas com as amigas para outros grupos de jovens, podendo com isso prejudicar sua imagem.

A fofoca (Fonseca, 2004) está presente nos circuitos integrados (HARAWAY, 2009), revelando que a casa, a igreja, o mercado, os centros de saúde, o local de trabalho, as escolas são espaços privilegiados de circulação da fofoca. São nesses espaços que as mulheres jovens informantes da pesquisa, veiculam as informações sobre sua vida sexual, assim como das outras jovens. Liberando, reprimindo, julgando sobre o que cada uma faz na intimidade.

São nesses espaços que uma jovem se vangloria de assumir uma autonomia na vida sexual, mas também é nesses mesmos espaços que vê essa autonomia derrotada pela repressão e pelo julgamento das outras colegas. A incitação nas falas das amigas para que avance ou recue na intimidade da vida sexual, posteriormente, encontram-se as falas revestidas de modos de regulação da sexualidade feminina.

É nesse contexto que se estruturam a vida sexual das mulheres jovens na comunidade pesquisada. Havendo sempre avanços e recuos, marcando sua imagem de fogosas ou certinhas na comunidade. Mas, o que há de comum entre elas é o fato de emitirem opiniões recheadas de valores e morais sobre a vida sexual das outras jovens, partindo da posição que são certinhas mesmo que quando falam de suas experiências sexuais, elas venham assumir neste momento a posição de fogosas.

CONSIDERAÇÕES

Inicialmente percebemos que o desejo de uma vida sexual plena e livre de valores e morais, não está perto de acontecer. Esse paraíso com qual sonha as mulheres jovens é algo que apenas existente no imaginário uma vez que elas se aproximam deste paraíso quando exercem sua autonomia, mas se vêem expulsas dele quando descobrem através dos contatos com as próprias amigas sobre o que estão falando sobre suas práticas afetivo-sexuais.

Haraway (2009), quando trata dos circuitos integrados conclui que apesar desses espaços haver a circulação das mulheres, não há verdadeiramente um lugar para elas, onde possam trocar informações, discutir ideias e expor suas experiências sem que sejam conferidos valores morais que tem como uma de suas funções o controle da sua sexualidade e seus corpos.

Desse modo, as mulheres jovens discursam sobre prática afetivo-sexual de outras jovens entre elas próprias com um teor conservador compartilhando ideias já pré-existentes sobre qual o bom comportamento para uma jovem. Os roteiros sexuais das jovens são marcados por paqueras, ficadas, namoros, relações sexuais sem envolvimento afetivo, uniões estáveis e casamentos. Neles estão engendradas as relações de gênero e poder que vão influenciar toda sua relação com outras jovens, com os rapazes e com a comunidade de um modo geral.

As relações das jovens no tocante às amizades estão intrinsecamente ligadas a esse contexto em que vivem e ao modo como elas refletem sobre o lugar e as pessoas. Quando referem sobre as outras mulheres jovens as interlocutoras as dividem entre “certinhas” e “fogosas”, apontando para uma divisão que moraliza as ações, e dicotomiza as vivências sexuais das jovens.



As conclusões a que chegamos é que as mulheres jovens não percebem a opressão e as desigualdades de gênero que sofrem. E acabam por reproduzir os mesmos discursos de desigualdades muito em função das respostas que tem que dar à família e à comunidade.

Uma justificativa para a reprodução em seus discursos das desigualdades de gênero nasce do fato dos seus relacionamentos, sejam eles estáveis como namoro ou instáveis como paquera e ficadas, permearem desejos de fidelidade, romantismo, estabilidade, relacionamento fixo e monogamia (GELUDA *et al.*, 2006; AQUINO *et al.*, 2009).

No caso das jovens pesquisadas, esses sentimentos acabam por ocasionar a uma busca da vivência de romantismo (COSTA, 2005), uma busca pelo amor eterno, vivendo lado a lado com a busca pela autonomia e tentativas de vivência da sexualidade plena. É nesse contexto que se encontram as jovens, oscilando entre a convivência com valores machistas tradicionais e a sua ruptura quando de fato não agem dentro dos padrões sociais esperados para uma jovem.

A busca pela vivência do amor eterno em suas relações afetivos sexuais por algumas jovens não é incompatível com a vivência da sexualidade plena por outras, uma vez que ambas as buscas se misturam nelas próprias (interlocutoras) a depender dos contextos em que se encontram, como exemplo apresento o caso da jovem Luana (17 anos) que para ter uma vivência da sexualidade, busca parceiros em outra comunidade, afastando possíveis comentários sobre sua vida sexual. Contudo, ela também busca nessas relações o parceiro que se torne seu companheiro fixo.

Essas estratégias são utilizadas pelas jovens para escapar da vigilância dos pais e da comunidade quando refere a vivência de práticas sexuais antes de apresentar socialmente um relacionamento fixo e duradouro. Todavia não estão isentas de terem suas histórias comentadas pelas amigas, uma vez que tais informações acabam sendo disseminadas por elas próprias.

Todavia percebemos que há uma circulação de jovens que hora se encontram num contexto de vivência de experiências afetivos sexuais e tem suas histórias disseminadas através da rede de amizade desfavorecendo a imagem que desejam preservar. Ora, são elas mesmas que disseminam informações sobre as práticas afetivo sexuais das outras jovens com um teor de desaprovação e preconceito.

A importância de trazer a baila esses fatos se torna relevante para pensar a questão da educação sexual. Fazendo uma reflexão sobre a existência da individualidade, preconceito e direito a ter uma vida sexual plena respeitando as diferenças.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Estela M. L. et al. **Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2009.

BUTLER, Judith. (2003). **Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade**. Série Sujeito e História. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

COSTA, Sérgio. (2005). **Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia**. *Novos Estudos - CEBRAP*, (73), 111-124.



FONSECA, Cláudia. (2004). **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. 2.ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS.

FOUCAULT, Michael. (2011) **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Ed. Graal.

GELUDA, Kátia; BOSI, Maria Lúcia M.; CUNHA, Antônio José Ledo A. da; TRAJMAN, Anete. (2006). "Quando um não quer, dois não brigam": um estudo sobre o não uso constante de preservativo masculino por adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8

HARAWAY, Donna. (2009). **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte. Autêntica Editora.

PORTES, Alejandro. (2000) Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, Problemas e Práticas** [online]. n.33, pp. 133-158. ISSN 0873-6529.

QUADROS, Marion T. (2008). **Projeto Mulheres e dupla proteção em diferentes circuitos de sociabilidade: um estudo comparativo entre Recife e Caruaru – PE**. Recife. UFPE.

SCOTT, Russell Parry; QUADROS, Marion Teodósio; LONGUI, Márcia. (2009). **Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva**. In SCOTT, Russell Parry; QUADROS, Marion Teodósio; LONGUI, Márcia. A diversidade de no Ibura: gênero, geração e saúde num bairro popular do Recife. Recife. Ed. Universitária da UFPE.

XAVIER, Anna K. **Mulheres jovens e a prática da dupla proteção em uma comunidade popular do Recife**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco. 2011.